

Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados - MS

Marilze Tavares e Ludoviko Carnaciali dos Santos

Submetido em 02 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 12 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 117-134

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE INDÍGENAS DE DOURADOS – MS

Marilze Tavares*

Ludoviko Carnaciali dos Santos**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar considerações a respeito das impressões de indígenas do município de Dourados – MS sobre as línguas que falam – Português, Guarani (Ñandeva e Kaiowá) e Terena. O corpus foi constituído pelas respostas de entrevistas realizadas em duas aldeias indígenas de Dourados com 10 informantes. Sustentam a análise os pressupostos teóricos da sociolinguística, mais especificamente os que tratam do tema crenças e atitudes. Como exemplo de resultados, podemos citar o fato de que os indígenas reconhecem a existência de diferenças entre as variedades da língua Guarani, mas afirmam que há uma tendência à unificação, já que, por exemplo, as escolas indígenas ensinam a mesma língua para estudantes de diferentes grupos étnicos.

PALAVRAS-CHAVE: crenças e atitudes; língua portuguesa; línguas indígenas; índios de Dourados/MS.

1. INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso do Sul – MS, sobretudo a região sul, caracteriza-se por um contexto linguístico que pode ser considerado complexo. Os dois principais elementos dessa complexidade são a fronteira com o Paraguai e a presença de um número relativamente grande de indígenas no Estado. Nesse contexto estão envolvidas, principalmente, as línguas Portuguesa, Espanhola e Guarani (com suas variantes/dialetos).

De acordo com o Censo 2010, a população indígena do Estado seria de 73.295 – a segunda maior do Brasil. Desses, os Guarani/Kaiowá¹ são os mais numerosos no Estado, representando mais da metade dessa população. Martins (2002, p. 39), em sua obra *Breve Painel Etno-histórico de Mato Grosso do Sul*, apresenta sob o título “Índios do Mato Grosso do Sul na História do Brasil”, os grupos Guarani, Kadiwéu, Terena, Guató, Ofayé, Kaiapó Meridional e Payaguá. Os dois últimos grupos já estariam extintos no Estado desde meados do século XIX.

Neste trabalho, investigam-se crenças e atitudes linguísticas de indígenas das etnias Guarani, Kaiowá e Terena da Reserva Indígena de Dourados (região sul do MS), localizada a cerca de seis quilômetros da área urbana. Essa reserva está dividida em duas áreas: a Aldeia Bororó e a Aldeia Jaguapiru, onde vivem aproximadamente 8 mil indígenas, a maioria Guarani e Kaiowá, embora haja também índios da etnia Terena nessas áreas.

*Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina: marilze.tavares@terra.com.br

**Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; professor da Universidade Estadual de Londrina: lilukabi@uel.br

¹ De acordo com Rodrigues (2002, p. 10), a convenção promovida em 1953 pela Associação Brasileira de Antropologia orienta que “os nomes de povos e de línguas indígenas sejam empregados como palavras invariáveis, sem flexão de gênero nem de número: a língua Boróro (e não Boróra), os índios Boróro (e não Boróros) (...)”

Inicialmente registra-se que estudiosos de línguas indígenas e, de modo geral, pessoas não-indígenas, costumam afirmar que as diferenças culturais e linguísticas entre os grupos Guarani e Kaiowá são muito pequenas e a inteligibilidade ocorre sem dificuldade. No entanto, parece ser comum a afirmação, pelos indígenas da reserva, que o Kaiowá e o Guarani (Ñandeva) são duas línguas diferentes entre si. Nesse sentido, surge a indagação: as diferenças existem objetivamente ou se constituem apenas como uma questão de atitude, ou seja, servem para marcar posições e identidades distintas? Essa é uma das questões que este trabalho pretende discutir.

Registra-se ainda que é comum ouvir de pessoas leigas no assunto que os índios não querem mais aprender Guarani ou Kaiowá e que preferem, por exemplo, que seus filhos aprendam a língua portuguesa em detrimento da língua indígena. O que dizem, de fato, os indígenas sobre esse assunto? Essa é outra questão a que este estudo pretende, se não responder de maneira conclusiva, pelo menos investigar e apontar possibilidades de respostas.

2. BREVES PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. Crenças e atitudes

Entendido da maneira mais ampla possível, o termo atitude remete a conceitos como comportamento, postura e reação. De acordo com Moreno-Fernández (1998, p. 181), estudar as atitudes linguísticas de uma comunidade é útil para conhecer melhor assuntos como a escolha de uma língua em contextos multilíngues e o ensino de língua, por exemplo. As atitudes linguísticas, que podem ser favoráveis ou desfavoráveis, estão diretamente relacionadas com questões como a difusão de uma língua, os processos de mudança linguística e a qualidade de aprendizado de línguas. O mesmo autor ainda explica:

La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de “lengua” incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

A esse respeito, López-Morales (1993, p. 231) afirma que o estudo das atitudes linguísticas se constitui como um importante capítulo da sociolinguística atual e é um fato decisivo junto à consciência linguística, na explicação da competência. Para esse autor, as atitudes são positivas, de aceitação; ou negativas, de rechaço. Assim, não seria possível falar em atitude “neutra”; mas se for o caso, em ausência de atitude.

Blanco-Canales (2004, p. 79) afirma que as atitudes linguísticas podem ser definidas de duas maneiras distintas: a *mentalista* e a *condutista*. De acordo com a perspectiva mentalista, a atitude é um estado que está entre um estímulo recebido por uma pessoa e sua resposta a ele. Assim, por ser uma disposição de ordem mental, não pode ser medida ou observada diretamente. Já a perspectiva condutista define a atitude como a resposta ou comportamento de uma pessoa em uma situação social determinada e, nesse caso, pode ser observada de forma direta.

Mas afinal que elementos estão relacionados às atitudes frente a um objeto? De acordo com López-Morales,

[...] son varios los autores que consideran que la actitud está formada por tres componentes: **el cognoscitivo**, en que incluyen las percepciones, las creencias y los estereotipos presentes en el individuo; **el afectivo**, referido a emociones y sentimientos, y **el de comportamiento**, que se describe como tendencia a actuar y a reaccionar de cierta manera con respecto al objeto. (LÓPEZ-MORALES, 1993, p. 233, grifos nossos).

Assim, o pesquisador que se propõe a investigar as atitudes de uma comunidade precisa ter em vista esses três componentes. Além disso, há que se considerar também que quando se investigam questões que têm a ver com línguas em contato e o bilinguismo, como é o caso deste trabalho, outras podem vir à tona, como, por exemplo, problemas de “alienação ou transculturação”, além de “dialética de luta de classes”, conforme adverte Manuel Alvar (1986, p. 13).

No que se refere às comunidades dos índios Guarani, Kaiowá e Terena, entender, por exemplo, o que pensam sobre e como agem em relação à(s) própria(s) língua(s) e a(s) língua(s) do outro pode ser útil para vislumbrar o futuro possível do quadro linguístico dessas comunidades. Quais línguas podem ter seu uso cada vez mais restrito na comunidade? Existem sentimentos positivos que possam garantir a difusão de uma das línguas em detrimento de outra?

2.2. Línguas ou dialetos

Outras questões que perpassam a discussão da língua Guarani falada na região investigada é se existem duas línguas – uma Guarani e outra Kaiowá – ou se elas seriam dois dialetos.

A discussão entre as noções de língua e dialeto já mereceu a atenção de alguns linguistas. Quando é possível falar em línguas e quando é conveniente falar em dialetos? Quais os critérios para definir um sistema de signos utilizados por um grupo para a comunicação como língua ou dialeto?

Chambers e Trudgill (1994), a respeito do conceito de dialeto, mencionam quais as definições mais usuais para o termo:

En el lenguaje cotidiano un dialecto es una forma de lengua subestándar, de nivel bajo y a menudo rústica, que generalmente se asocia con el campesinato, la clase trabajadora y otros grupos considerados carentes de prestigio. Dialecto es también un término aplicado a menudo a las lenguas que no tienen tradición escrita, en especial a aquellas habladas en los lugares más aislados del mundo. Y por último también se entienden como dialectos algunas clases (a menudo erróneas) de desviaciones de la norma, aberraciones de la forma estándar o correcta de una lengua. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19).

Como se observa, uma noção frequentemente associada à definição do termo é a de *prestígio*, ou melhor, de *desprestígio*. É a que mais intensamente se associa ao termo. É nesse sentido que muitos estudiosos, geralmente aqueles não especializados em linguística, não usariam o termo dialeto para a fala de pessoas instruídas ou para o falar de uma cidade ou para a fala da geração mais jovem.

Assim, Chambers e Trudgill (1994) esclarecem que não adotam nenhum dos pontos de vista. Eles, inclusive, vão em uma direção exatamente contrária: todos os falantes são falantes de um dialeto. O inglês padrão, por exemplo, é um dialeto assim como outras formas de inglês e não faz sentido supor que uma forma é linguisticamente superior a outra. Mesmo assim, eles consideram útil classificar os dialetos como “dialeto de uma língua”, considerando-os como subdivisões de uma língua em particular.

Como saber se as “subdivisões” são, de fato, subdivisões da mesma língua? Comumente se tem apontado o critério da mútua inteligibilidade. Se o falante de um dialeto A entende o falante de um dialeto B, ainda que entre os dois dialetos existam diferenças em todos os níveis linguísticos, é porque fariam a mesma língua. É nesse sentido que o dicionário Houaiss (2001), define o termo, em primeira acepção, da seguinte forma:

Conjunto de marcas linguísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica, restrito a uma dada comunidade de fala inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, que não chegam a impedir a intercomunicação da comunidade maior com a menor [O dialeto pode ser *geográfico* ou *social*.] [...]. (HOUAISS, 2001).

De acordo com Chambers e Trudgill (1994, p.20), é comum a afirmação de que “uma língua é um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis”. Se a definição oferece, por um lado, a vantagem de caracterizar os dialetos como subpartes de uma língua e de proporcionar um critério para distinguir uma língua de outra, por outro lado não é completamente satisfatória. Os autores citam, por exemplo, o caso de línguas consideradas distintas como o sueco, o norueguês e o dinamarquês, que seriam mutuamente inteligíveis uma vez que os falantes das três línguas podem entender-se e comunicar-se com facilidade. Outro exemplo é o caso de certos tipos de alemão que não seriam inteligíveis para os falantes de outros tipos de alemão.

Esses autores ainda mencionam fatores dos quais dependeria a mútua inteligibilidade, o grau de exposição dos ouvintes a outra língua, o grau de instrução escolar e a vontade de entender o outro. Esse último fator é bastante interessante no caso do estudo de aspectos de dialetos da língua Guarani. Pode ser que, se uma etnia não entende a outra, é porque, em algum nível de sua consciência, não está querendo entender.

A partir da discussão sobre mútua inteligibilidade, teremos que concordar com a ideia paradoxal retomada pelos autores de que “língua não é em absoluto uma noção particularmente linguística” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994.p.21). Os critérios que definem que determinados sistemas de comunicação são línguas autônomas e não dialetos subordinados podem ser também políticos, geográficos, históricos, sociológicos, culturais e linguísticos.

Hudson (1984), ao discutir as diferenças entre línguas e dialeto, menciona três critérios: *o tamanho*, *o prestígio* e *a mútua inteligibilidade*. Sobre o último, acreditamos que as considerações já feitas são suficientes. Para o critério do tamanho, é levado em conta que os dialetos são partes ou subconjuntos das línguas, mas não parece resistir ao argumento simples de que existem línguas muito pequenas em razão do reduzido número de falantes e que mesmo assim têm *status* de línguas; e há outros sistemas de comunicação utilizados por um grande número de falantes que não são considerados línguas, mas dialetos. Já de acordo com o critério do *prestígio*, os dialetos seriam

variedades menos prestigiadas do que as línguas. Trata-se de um critério sem nenhum fundamento linguístico e, portanto, frágil.

Diante do exposto, concordamos com Chambers e Trudgill (1994) em relação ao que concluem sobre o assunto:

El término *lengua* es, por tanto, desde un punto de vista lingüístico, un término relativamente poco técnico. Si queremos, pues más rigurosos en nuestro uso de etiquetas descriptivas, debemos emplear otra terminología. Un término que usaremos [...] es **VARIEDAD**. Emplearemos *variedad* como término neutro que aplicaremos a cualquier clase particular de lengua que deseemos considerar, por algún motivo, como una entidad individual [...] (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 22, grifos dos autores).

Em outras palavras, não há nenhuma distinção realmente válida entre as noções de língua e de dialeto, e como existem conotações negativas associadas ao segundo termo, nos parece realmente mais adequado o uso do termo *variedade*.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Os informantes, o local e o método da pesquisa

O corpus deste trabalho foi constituído a partir das respostas de 10 entrevistados, moradores da Reserva Indígena de Dourados, das aldeias Jaguarapiru e Bororó, sendo consideradas tais seguintes características na escolha dos informantes: etnia, sexo e idade. Os três informantes mais jovens têm 18 anos e estão cursando o Ensino Médio em uma escola indígena da reserva; os demais têm de nenhuma escolaridade até o sexto ano do Ensino Fundamental. O informante de idade mais elevada tem 70 anos.

No que se refere às condições socioeconômicas dos entrevistados, é possível afirmar apenas o que se observou durante as visitas e as entrevistas: as habitações são de alvenaria, mas, frequentemente, inacabadas e de padrão muito baixo. As mulheres geralmente são donas de casa ou vendem algum tipo de verdura ou legumes na área urbana de Dourados; os homens trabalham na coleta de material reciclado, em usinas sucroalcooleira ou estão desempregados. Na figura 01, é possível observar a frente de uma residência localizada na Aldeia Bororó, e os principais meios de transporte utilizados pelos indígenas para se locomoverem até a cidade: uma carroça e uma bicicleta.

Fonte: Acervo pessoal



Figura 01 – Quintal e fachada de residência – Aldeia Bororó

Já na figura 02, visualizam-se alguns aspectos das moradias e dos quintais dos entrevistados. Na imagem, nota-se pelo menos uma contradição: as panelas e utensílios da cozinha a serem higienizados são deixados no quintal, em bacias sobre um banco de madeira, em meio aos animais domésticos. No canto superior direito, quase atrás da casa, é possível ver uma “casinha” cercada de pedaços de lona e outros plásticos, que seria o “banheiro” da família. No entanto, no mesmo cenário, há uma máquina de lavar roupa aparentemente nova que estaria substituindo a outra, já velha, do canto superior esquerdo.

Fonte: Acervo pessoal



Figura 02 – Quintal de casa – Aldeia Bororó

Blanco-Canales (2004, p. 80), ao discutir questões metodológicas relacionadas à coleta de dados, lembra que um dos problemas da investigação sobre atitudes

linguísticas é a impossibilidade de observá-las diretamente. Duas técnicas podem ser utilizadas: *medidas diretas* e *medidas indiretas*. No primeiro caso, o informante não sabe a finalidade dos testes a que está sendo submetido e um dos procedimentos mais usuais é solicitar a ele que ouça gravações e depois avalie socialmente o falante. Já no segundo caso o pesquisador utiliza entrevistas ou aplica questionários com intuito de coletar opiniões sobre os aspectos que julga relevantes para a pesquisa.

Para este trabalho, a técnica utilizada foi a de *medidas diretas*, mais especificamente com a realização de entrevistas gravadas com gravador digital e em seguida transcritas². As questões que constituem o roteiro que norteou as entrevistas encontram-se em anexo.

Convém esclarecer que as questões do roteiro apenas orientaram a entrevista, uma vez que, com muita frequência, foi necessário reformular a questão várias vezes até que o informante pudesse compreender o que se desejava saber, e por vezes, questões foram deixadas de lado, quando durante a conversa o entrevistado já antecipava a resposta.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Sobre a identidade dos informantes

Identidade pode ser entendida como um conjunto de características a partir do qual é possível diferenciar um ser de outro ser. Moreno-Fernández (1998) explica o termo da seguinte forma:

La identidad es aquello que permite diferenciar un grupo de otro, una etnia de otra, un pueblo de otro. Hay dos maneras elementales de definir una identidad: bien de forma objetiva, caracterizándola por las instituciones que la componen y las pautas culturales que le dan personalidad, bien de forma subjetiva, anteponiendo el sentimiento de comunidad compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás. (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 180)

O autor acrescenta ainda que no conceito de identidade, definido de uma ou de outra forma, sempre há lugar para a língua, já que uma comunidade também se caracteriza pela língua ou pelas variedades linguísticas utilizadas. Em outras palavras, conforme o autor, a percepção do diferencial e do comunitário ocorre por meio dos usos linguísticos.

De acordo com as respostas, todos os entrevistados se reconhecem como indígenas, reconhecem a existência de pelo menos três etnias na reserva – Guarani, Kaiowá e Terena – e nenhum tem dúvida quanto à etnia a que pertencem. Alguns são filhos de pais de etnias diferentes, geralmente um Guarani e outro Kaiowá, já que não há muita “mistura” com os Terena, que estão em menor número na região. Quando os pais são de grupos diferentes, o que conta, para os informantes, é o que ficou registrado em sua Certidão de Nascimento, decidido no momento do registro pelo pai ou pela mãe.

² Com relação à transcrição das falas, esclarece-se que foram algumas vezes editadas, mas as diferenças que demonstram dificuldade em relação ao domínio do português, sobretudo como segunda língua, foram mantidas.

Quando questionados sobre as diferenças culturais entre os grupos, inicialmente são unânimes ao afirmar que elas existem, no entanto não conseguem dizer de que natureza são essas diferenças. As tentativas de explicação das distinções parecem subjetivas, assim como se observa na fala do índio Terena Adão: “O Guarani é mais desempenhado, mais civilizado. Os Kaiowá não, são mais afastado. Mas eles misturam, né? A língua do Kaiowá é mais dobrada e o Guarani é bem mais fácil para aprender e falar”.

Convém esclarecer que Adão, assim como a maioria dos índios Terena que vive nas aldeias de Dourados, veio de outra região do Estado, onde ele e a família trabalhavam como empregados de uma fazenda. Adão conta que isso aconteceu há muitas décadas. Mas pelo que se observa, outros índios Terena têm chegado à aldeia ainda hoje. A jovem Érica, por exemplo, também da etnia Terena, relata que veio recentemente de outro município do Estado. Rodrigues (2002), sobre a língua Terena e sobre os índios desse grupo, registra:

Ao sul do rio Amazonas há quatro áreas de línguas da família Aruák no Brasil [...] A última área é a da língua mais meridional da família Aruák, o Teréno (Teréno), que é falado na região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso do Sul. Um grupo de índios Terena foi transferido na década de 30 para o Estado de São Paulo, para a área dos índios Nhandéva (Guaraní), perto de Bauru, no atual município de Avaí. (RODRIGUES, 2002, p. 68-69).

Martins (2002, p. 64) explica que, após a Guerra do Paraguai, o território étnico Terena foi substancialmente loteado entre os combatentes remanescentes da guerra, que ficaram na região. Depois, nas últimas décadas do século XIX, as atividades relacionadas à pecuária diminuíram ainda mais o “espaço necessário para a reprodução do modo de ser Terena”. Em consequência disso, centenas de índios foram recrutados como mão de obra muito barata para as fazendas do Estado.

Tanto Adão como Érica afirmam que não falam a língua Terena e nenhuma outra língua indígena; os membros de suas famílias também não dominam a língua. Acreditam que os indivíduos de seu grupo sejam “mais desenvolvidos”, e a esse respeito, declara Adão: “Cada um tem diferença. Não é querendo me gavolhar (sic), não, mas o que mais luta na vida é a raça Terena. Os outros estão melhorando agora, né? No financeiro, no trabalho, no estudo”.

Segundo Érica, alguns índios da etnia Terena, “não querem nem ser mais índio”. E denuncia: “Tá vendo aquele menino, lá? Ele é Terena, mas ele não quer mais ser índio. Eu gosto de ser, é a minha história, né?”.

Apesar de os dois informantes se reconhecerem como índios Terena e uma até denunciar o fato de um jovem que está por perto não querer mais ser índio, o que se observa, em geral, inclusive em momentos da fala de outros entrevistados, é que os Terena pretendem parecer mais “civilizados”, e civilizados, nesse caso, significaria assemelhar-se mais com o não índio.

Assim, é possível constatar que as atitudes sociais, como (des)lealdade à etnia a que pertence, estão diretamente ligadas às atitudes do falante bilíngue em relação às línguas utilizadas. Por razões extralinguísticas como, por exemplo, aquelas relacionadas ao papel social que pretende ocupar na sociedade ou do sistema de valores que rege sua conduta, o indivíduo elege como principal uma das línguas até chegar ao abandono total (de uma das duas línguas).

Ainda a respeito das possíveis distinções entre as etnias, o jovem Florismar, que se reconhece como Kaiowá, assim avalia:

Tem diferença entre as etnias sim. Os Terena têm mais interesse em estudo, na escola. Pouco Kaiowá tem interesse em estudo. Eu tenho [risos]. É, tem que quebrar essa regra, né? Acho que é porque os Terena já tem mais contato com o pessoal de fora, sabe pensar mais alto. Mas tem Guarani assim também. Kaiowá é difícil (Florismar, 18 anos, Kaiowá).

Em relação à importância dada à educação formal, Martins (2002, p. 67), não exatamente em relação aos indígenas de Dourados mas a essa etnia de modo geral, afirma que “as famílias Terena são muito empenhadas em proporcionar uma boa formação escolar para suas crianças e jovens”. Essa ideia, de certa forma, confirma a percepção de alguns informantes desta pesquisa.

Ainda discutindo a questão da identidade, agora, especificamente a dos povos Guarani, Chamorro (2009, p. 52), explica que dentre os subgrupos Guarani (Mbyá, Ñandeva e Kaiowá), os Ñandeva (ou Chiripá, como também são conhecidos em algumas regiões) se destacam como os mais concessivos diante do outro, cabendo aos Kaiowá a posição intermediária. A antropóloga acrescenta ainda que em todos os grupos, porém, existem famílias e líderes das mais diversas tendências.

Considerando as etnias investigadas nesta pesquisa, e segundo os entrevistados, os mais concessivos seriam os Terenas, depois os Guarani, e por último, os Kaiowá, que seriam os mais tradicionais. Nesse sentido, convém mencionar que a respeito da cultura dos Guarani em geral, Mangolin (1993) registra que os Kaiowá acreditam que foram os primeiros criados por Deus e, por isso, consideram-se os autênticos, os verdadeiros, em relação ao mundo dos brancos e dos outros Guarani.

Todos os informantes, com exceção dos dois Terena, falam Português e Guarani ou Kaiowá. São, portanto, bilíngues. As entrevistas demonstram que os mais jovens não apresentam nenhuma dificuldade com relação ao uso da língua portuguesa, pelo menos na modalidade falada coloquial, o que pode ser explicado pelo fato de que afirmam que aprenderam as duas línguas ao mesmo tempo, desde muito pequenos. É preciso registrar, porém, que o que ocorre, em alguns momentos, é um pequeno desajuste entre a variante utilizada pela pesquisadora e a utilizada pelos informantes com no máximo ensino médio incompleto.

Já em relação à fala dos mais adultos ou idosos e, sobretudo, os que têm menos escolaridade, é possível observar algumas inadequações quanto ao gênero das palavras, a flexão dos verbos e o uso ou não de artigos quando falam em Português. Isso nos parece natural em situações nas quais o Português não é língua materna e é, em alguns casos, adquirido quando o falante já é adolescente ou adulto.

4.2. Sobre a importância que atribuem às línguas indígenas e à língua portuguesa

Indagados se gostariam que seus filhos, sobrinhos e as crianças da aldeia de modo geral continuassem aprendendo a língua indígena, são unânimes ao afirmarem que sim, porque consideram importante a preservação da língua e lamentam que algumas famílias indígenas não estejam repassando esse conhecimento para as crianças.

Brígida, 31 anos, Guarani, afirma que os quatro filhos falam Guarani porque ela ensina e incentiva: “vez em quando eu falo Guarani, vez em quando eu falo Português, pra eles aprender, né? Eles têm cartilha também da escola”. A informante lamenta que o primo, que a ensinou a falar o Português não queira mais falar o Guarani: “Meu primo fala: ‘eu não quero mais falar em Guarani’. Eu falo: ‘não é assim não; tem que falar’. Eu não tenho vergonha de falar em Guarani”. Nesse momento, Brígida começa a falar, aparentemente com orgulho, algumas frases em Guarani, e as crianças que estão por perto riem e traduzem para o Português.

Desse modo, se dependesse das práticas e atitudes da maioria dos entrevistados, o futuro das línguas³ indígenas das comunidades investigadas estaria relativamente seguro. Aqui, parece oportuno lembrar que, consoante ao que afirma Manuel Alvar (1986, p.197), se a língua não se manifestar de maneira muito precisa, os demais comportamentos perdem a possibilidade de serem transmitidos. Convém lembrar que se, por um lado, há ressalvas em se associar diretamente língua e cultura pelo fato de que uma mesma língua pode servir a culturas distintas, por outro lado não há como negar a relação entre uma e outra. Câmara Jr. (1977, p. 18), sobre o assunto conclui:

A língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma língua, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Neste sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas como, ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser um fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura. (CÂMARA JR., 1977, p. 18).

Chatalin, 62 anos, Kaiowá, lamenta que duas de suas quatro filhas não queiram mais utilizar o idioma⁴: “uma filha minha ficou com meu compadre pra estudar lá na cidade, agora quando vem já não quer mais falar Guarani. Porque tá lá com branco. A outra também não quer mais falar”.

Dois entrevistados, entre os mais jovens, mencionam que existem vagas específicas para indígenas em órgãos públicos e os candidatos necessitam ter domínio da língua indígena para concorrer a essas vagas. Sobre esse assunto, Adão, índio Terena, acrescenta: “para ser índio, para legitimar, tem que saber a língua”.

No que se refere à língua portuguesa, eles também são unânimes em reconhecer a importância de seu aprendizado. Mas com frequência atribuem essa importância apenas ao fato de terem que sair da aldeia para acessarem alguns serviços. Os mais jovens se referem à necessidade de continuar os estudos e de trabalhar fora da aldeia; os mais velhos se lembram da necessidade de se comunicar em Português, por exemplo, nos hospitais e nos postos de saúde fora da aldeia. Segue a transcrição de algumas falas sobre esse assunto:

Tem que aprender Português para ir no HU fazer consulta, quando precisa fazer preventivo, e não vai no posto dos índios, é. (Isana, 57 anos, Kaiowá).

³ Fasold (1984) afirma que as atitudes em relação ao futuro de uma língua é um dos possíveis objetos de estudos de atitudes sobre a linguagem.

⁴ O termo “idioma” é sempre utilizado pelos informantes para se referir apenas às línguas indígenas e não à língua portuguesa.

Eu acho que precisa falar Português, sim. É difícil quando índio precisa dar queixa (na polícia) e não sai muito bem o Português (Adriana, 25 anos, Guarani).

Falar só língua indígena não tem condição mais. Porque quando a gente vai fazer compra, por exemplo, como fica? Minha mãe sabe dinheiro, mas não sabe Português. Ela tem 104 anos, índia Kaiowá, olha ali (Chatalin, 62 anos, Kaiowá).

Seu Florêncio, que fala e entende Português com dificuldades (a esposa esteve ao lado durante a entrevista e em alguns momentos ajudava o marido traduzindo a pergunta da inquiridora), acredita que precisa falar Português apenas quando sai da aldeia para fazer compras no comércio da cidade. Da mesma forma pensa Brígida, 40 anos, Guarani, que diz: “eu aprendi Português depois de grande. Meu irmão me ensinou Português, mas eu acha bom só um pouquinho aprender Português. Só se a gente chegar lá fora no branco. Gosta quando chega alguém aqui que fala Guarani”.

Manuel Alvar (1986, p. 228), discutindo as preferências linguísticas de indivíduos de Porto Rico, que têm como língua materna o espanhol, menciona o primeiro motivo apontado pelos porto-riquenhos para aprender a segunda língua, o inglês: o pragmatismo. De acordo com o pesquisador, seus entrevistados citam motivos relacionados à conveniência de saber uma segunda língua. Na mesma direção, vários informantes desta pesquisa afirmam que se não fosse a necessidade de sair da aldeia, o interesse em aprender Português seria bem menor entre os indígenas.

4.3. Guarani/Kaiowá ou Guarani e Kaiowá?

Bartomeu Meliá (1992), em sua obra *La lengua Guarani del Paraguay*, dedica um capítulo à apresentação de aspectos do Guarani indígena e nele já menciona que existem “modalidades” diferentes da língua Guarani:

[...] La distancia entre el guaraní colonial, incluyendo el Guarani paraguayano moderno, y el guaraní indígena actual no es solo dialectal en el nivel fonológico y morfosintáctico, sino semántico y cultural. Cuando se les compara entre sí, los textos de esas dos lenguas manifiestan dos lenguajes notablemente diferentes (MELIÁ, 1992, p. 243).

O autor ainda acrescenta que diferenças étnicas foram conservadas também na realidade sociocultural dos povos Guarani da atualidade. Essas diferenças são expressas por culturas diferentes e por línguas próprias.

Uma das questões principais desse trabalho são as impressões dos indígenas a respeito, sobretudo, da língua Guarani. Os linguistas, de modo geral, ao classificarem as línguas indígenas brasileiras, afirmam que a um tronco linguístico denominado tupi, estão subordinadas algumas famílias linguísticas, entre as quais a família Tupi-Guarani, que seria a que um maior número de línguas agrega. De acordo com a classificação de Rodrigues (2002, p. 39), são dialetos do Guarani: o Kaiowá, o Mbyá e o Nandeva. Desse segundo dialeto não haveria falantes no MS.

Convém esclarecer que o Guarani Nandeva é conhecido também apenas por Guarani e o Guarani Kaiowá apenas por Kaiowá. Por essa razão, os entrevistados desta pesquisa não se referem em nenhum momento às variedades denominadas Nandeva e Mbyá; segundo eles, as línguas faladas nas aldeias investigadas são o Guarani e o

Kaiowá (além da língua Terena falada por um grupo menor). A língua Terena, conforme as explicações de Rodrigues (2002, p. 65-66), pertence à outra família, isto é, à família Aruak, que não estaria subordinada a nenhum tronco linguístico, e que, de acordo com os entrevistados Guarani e Kaiowá, “é uma língua muita diferente”.

De volta à questão das diferenças entre Guarani e Kaiowá, verifica-se que alguns linguistas e antropólogos costumam afirmar que as diferenças linguísticas entre esses dialetos ou variantes da língua Guarani são muito pequenas e existe a intercomunicação sem problemas. A pesquisa demonstra que nem sempre os indígenas concordam com isso, e esse posicionamento, no entanto, parece ser uma questão de atitude e de identidade, uma vez que, em alguma medida, parece ser importante, para esses indígenas, que eles sejam reconhecidos como dois povos distintos.

A esse respeito, ou seja, sobre a relação entre língua e identidade, mencionam-se as palavras de Moreno-Fernández (1998):

Se puede decir que las actitudes lingüísticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la *identidad* de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios. No hay que perder de vista, sin embargo, que la relación entre lengua e identidad, sobre todo cuando se trata de una identidad, no obliga a tratarlas como realidades consubstanciales, dado que la existencia de una identidad étnica muy diferenciada de otras no siempre supone el uso de una lengua muy diferenciada de otras. (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Assim, observou-se que os falantes de Guarani, por vezes, afirmam que não falam Kaiowá, e os que falam Kaiowá dizem não saber Guarani. Todas as falas, ao menos inicialmente, afirmam a existência de diferenças. Na sequência estão alguns trechos em que os indígenas se manifestam sobre isso:

Eu falo Guarani; Kaiowá eu sei só um pouco. Guarani é mais declarado. Língua de Terena já não sei; nenhuma palavra. (Eneida, 40 anos, Guarani).

Ah, é diferente sim. Mas Kaiowá não é muito, muito diferente. Tudo canta, dança, faz a chicha. Só linguagem é diferente. (Isana, 57 anos, Kaiowá).

Guarani não é mesma língua, é um pouco diferente. Língua de índio Kaiowá é mais bonita. Sabe por quê? Kaiowá fala corretamente. Agora Guarani já tem dobração. Claro que é diferente, mesma coisa baiano e gaúcho. (Chatalin, 62 anos, Kaiowá).

Pela fala a gente conhece quando é Guarani e quando é Kaiowá. Eu falo Guarani, mas é quase um pouco misturado dois línguas, Guarani meio Kaiowá. É quase a mesma a coisa, mas em alguma palavra é diferente. Naquele Guarani que é verdadeiro mesmo, que não é misturado, já usa outras letras [...] (Adriana, 25 anos, Guarani).

As entrevistas demonstram, entretanto, que ao se insistir um pouco mais no assunto, ou seja, ao serem questionados um pouco mais sobre a natureza dessas distinções que eles apontam, o discurso começa a ficar diferente: as distinções não são tão grandes assim, ou melhor, são poucas, e na verdade, quem não fala a língua ou variedade do outro pelo menos não tem dificuldade para compreender. E acrescentam

ainda que, em razão dos casamentos entre indivíduos de grupos étnicos distintos e das constantes relações de amizade, as línguas “se misturaram” ou “já estão mestiçadas”.

Alguns entrevistados, os mais jovens, inclusive, lamentam o fato de a escola não considerar as variedades das línguas faladas nas aldeias. Segundo eles, a língua ensinada na escola juntamente com a portuguesa é o Guarani, “um tipo só de Guarani”. Convém lembrar mais uma vez que nas aldeias onde a pesquisa foi realizada há índios de três etnias.

Os dois subgrupos Guarani estariam, ao que parece, desenvolvendo uma espécie de “língua franca” para ser utilizada entre eles. Cada etnia estaria fazendo concessões em favor da comunicação em língua indígena. Isso seria um fator que poderia conduzir à homogeneização das duas variedades do Guarani. Ao que parece, as diferenças linguísticas poderiam ser mais evidenciadas se a comparação fosse feita entre falantes de aldeias onde residissem apenas Guarani e falantes de aldeias onde habitassem apenas Kaiowá.

4.4. Sobre a consciência de preconceito e a noção de variação linguística

Já está mais que comprovado que não há nenhum critério cientificamente válido que comprove a superioridade de uma língua ou de uma variedade linguística em relação à outra. Assim, os critérios de avaliação de uma língua passam diretamente pela avaliação de seus falantes – se têm prestígio, geralmente sua língua também tem, e vice-versa.

Segundo Marcos Bagno (2004), um dos preconceitos mais comuns da sociedade é o preconceito linguístico, e se há uma tendência a lutar pela extinção dos demais tipos de preconceito, o mesmo não ocorre em relação a esse. Aos informantes, foi perguntado se acreditavam na existência de algum preconceito em relação às línguas indígenas e aos membros de sua comunidade. As respostas surpreenderam, uma vez que oito informantes disseram que não acreditam que haja qualquer tipo de discriminação com as línguas indígenas e até acreditam que muitas pessoas não indígenas se interessam em aprender Guarani, Kaiowá ou Terena. Apenas dois informantes reconhecem algum tipo de preconceito, linguístico ou social, conforme se observa nas falas:

É difícil... quando a gente vai numa loja, e por exemplo, tem duas pessoas, e uma é índio e a outra não, eles atendem, mas nunca o índio vai ser atendido primeiro...mesmo se chega primeiro... quando fala a língua eu acho que os outros acham estranho sim, não sei. (Josias, 18 anos, Kaiowá).

Quando eu saio com minha mãe, que nós vamos na cidade, com minha irmã também, e a gente conversa em Guarani entre nós, as pessoas ficam olhando e umas riem... aí é meio estranho. (Cláudia, 18 anos, Guarani).

Apesar de observar o estranhamento em relação a sua língua, Claudia procura modalizar: “Olha, mas não sei mesmo se estão achando feio ou só interessante”. Convém mencionar que se reconhecemos a existência de preconceito nessas situações, não se trata somente de preconceito linguístico, mas também, e talvez, principalmente, social.

A esse respeito, Miquel Siguan (2001, p. 17-18), sobre situações de línguas em contato, afirma que há desequilíbrio entre línguas consideradas fortes ou de prestígio e as línguas consideradas fracas ou desprestigiadas socialmente. As primeiras geralmente

são línguas oficiais e as segundas, as nativas. Esse desequilíbrio incide sobre os comportamentos bilíngues: os que falam uma língua dominante têm menos interesse ou necessidade de aprender a outra língua do que aqueles que falam a língua fraca.

No que se refere à percepção de diferenças – nas línguas indígenas – entre a fala dos mais jovens e dos idosos ou dos homens e das mulheres, apenas três informantes dizem observar isso. A informante Adriana, já citada neste trabalho, explica que o Guarani da avó é “que era o legítimo mesmo, e hoje, o Guarani dos mais novos tá muito misturado... é diferente”. Os dois informantes mencionam apenas exemplos que, ao que consta, são diferenças gramaticais, relacionadas ao gênero masculino e feminino da língua.

5. ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Conforme explicitado no item “procedimentos metodológicos”, na escolha dos informantes foram consideradas as variáveis sexo, idade e etnia. No que se refere à primeira variável, não foram observadas diferenças substanciais nas respostas dos entrevistados. Registra-se apenas que as mulheres foram menos inibidas em relação à gravação das entrevistas, demonstram mais segurança em relação ao uso da língua portuguesa e comentam um pouco mais suas respostas; de modo geral, foram mais receptivas que os homens. Essa diferença no comportamento pode estar associada ao fato de que são elas que estão mais diretamente em contato com a população não indígena porque saem com frequência das aldeias em direção à área urbana para vender alguns legumes, verduras e frutas cultivados nas aldeias. Essa atividade as coloca em constante interação com muitas pessoas de fora das aldeias todos os dias.

Da mesma forma, não foram verificadas diferenças consideráveis em relação à idade dos informantes. Registra-se apenas que os mais jovens demonstram preocupação maior quanto ao aprendizado da língua portuguesa porque, em geral, pretendem sair da aldeia para continuar os estudos e para trabalhar.

Já em relação à variável etnia, ainda que no desenvolvimento deste trabalho, de acordo com a fala dos informantes, às vezes, foram apontadas algumas características que estariam mais associadas a um ou a outro grupo, uma similaridade pode ser destacada: os entrevistados das três etnias têm discursos ou opiniões semelhantes em relação a todos os assuntos mencionados na entrevista, inclusive no fato de apontar diferenças no outro (de outra etnia).

Foi possível constatar que todos os entrevistados se reconhecem como indígenas e se autodenominam Guarani, Kaiowá ou Terena, ainda que alguns entendam que as etnias estão “muito misturadas”, sobretudo as duas primeiras. Essa constatação não é surpresa uma vez que a pesquisa foi realizada em uma área reservada a essa população, e os poucos não índios que vivem nas aldeias são casados com índios.

Apenas dois dos entrevistados não se declaram bilíngues e, em princípio, todos afirmam que há diferenças culturais, principalmente linguísticas entre as etnias das aldeias em que se realizou a pesquisa – mesmo entre Guarani e Kaiowá; afirmam inclusive que “é fácil perceber quando um índio é Guarani e quando é Kaiowá apenas ouvindo um pouco a conversa deles”. Essas diferenças, no entanto, nem sempre são objetiváveis já que a maioria dos entrevistados geralmente não consegue mencionar exemplos dessa diferença.

No tocante à importância das línguas indígenas, observa-se, na fala dos informantes Guarani e Kaiowá, um discurso muito bem ensaiado; aquele muito repetido por antropólogos e etnolinguistas – que não se pode avaliar como verdadeiro ou não – em favor da preservação das línguas indígenas. Na prática, isso estaria refletido no costume de se ensinar às crianças, além do Português, que, segundo os indígenas, é a língua necessária em várias situações de convívio fora das aldeias, também o Guarani e o Kaiowá, que diretamente remetem à cultura do indígena.

Por fim, é preciso reconhecer que os resultados e as conclusões aqui descritas poderiam ser diferentes, por exemplo, se a quantidade de informantes fosse maior ou ainda se fossem entrevistados indivíduos com grau de escolaridade mais elevado (nível superior completo). Ainda assim, se este trabalho for útil ao menos para provocar a intenção de se realizarem outros da mesma natureza, já terá valido a pena.

REFERÊNCIAS

- ALVAR, Manuel. *Hombre, etnia y estado: actitudes lingüísticas en hispanoamérica*. Madri: Editora Gredos, 1986.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. 31. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- BLANCO-CANALES, Ana. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 2004.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução: Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CHAMORRO, Cândida Graciela. *Terra madura, yvy aragyje: fundamento da palavra Guarani*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.
- FASOLD, J. A. *The Sociolinguistics of Society*. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1984.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- IBGE. *Tendências demográficas: uma análise dos resultados da amostra do censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.
- LÓPEZ-MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MANGOLIN, Olívio. *Povos indígenas no Mato Grosso do Su : viveremos por mais 500 anos*. Campo Grande: Conselho Indigenista Missionário Regional/MS, 1993.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2. ed. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2002.
- MELIÁ, Bartomeu. *La lengua Guaraní del Paraguay: história, sociedade e literatura*. Madri: Editorial MAPFRE, 1992.
- MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1998.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

Recebido em 02/05/2012

Aceito em 12/06/2012

Versão revisada recebida em 15/06/2012

Publicado em 30/06/2012

BELIEFS AND LINGUISTIC ATTITUDES OF INDIGENOUS PEOPLES IN DOURADOS – MS

ABSTRACT: *This paper aims to present some considerations about the ideas indigenous peoples from Dourados - MS have about the languages they speak: Portuguese, Guarani (Ñandeva and Kaiowá) and Terena. The corpus was composed of answers from an interview with 10 informants carried out in two indigenous villages in Dourados - MS. The analysis is supported by theoretical assumptions of sociolinguistics, specifically those which deal with beliefs and attitudes. As an example of the results, we can cite the fact that indigenous peoples recognize the existence of differences between the varieties of Guarani language, but they affirm there is a tendency to unification, because indigenous schools, for example, teach the same language to students from different ethnic groups.*

KEYWORDS: *beliefs and attitudes; portuguese language; indigenous languages; indians from Dourados/MS.*

Anexo: Roteiro das entrevistas

Identificação

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Quantidade de filhos:

- 1 – A que etnia você pertence? E seu marido (ou esposa)? (Quando for o caso).
- 2 – As etnias existentes aqui na aldeia são muito diferentes entre si, há pouca diferença ou não há diferença alguma? Pode citar um exemplo?
- 3 – Quais línguas você conhece? Quais línguas você sabe falar?
- 4 – Você gostaria que as crianças daqui, seus filhos, sobrinhos, aprendessem as línguas indígenas da aldeia? Por quê?
- 5 – Você acha importante que os índios aprendam a língua portuguesa? Por quê?
- 6 – Guarani e Kaiowá são duas línguas diferentes ou (variedades de) a mesma língua? (Se tem diferença, citar um exemplo).
- 7 – Qual a sua opinião sobre o Guarani? (ou sobre o Kaiowá, a depender da etnia do informante). Alguma dessas línguas (ou dialetos) lhe parece mais adequada? Por quê?
- 8 – Você acha que os não indígenas têm algum tipo de preconceito com as línguas indígenas que você e os membros da sua comunidade falam? Por quê?
- 9 – Existem diferenças na fala dos homens e das mulheres que usam a língua indígena ou todos falam da mesma forma?
- 10 – Há diferença entre a fala dos mais jovens e dos mais velhos?

